

— Um  
quarto \  
só  
/  
seu  
)



TRADUÇÃO & NOTAS  
**Julia Romeu**

APRESENTAÇÃO  
**Socorro Acioli**



# Virginia Woolf

# Um quarto só seu

e três ensaios sobre as  
grandes escritoras inglesas:  
Jane Austen, Charlotte &  
Emily Brontë e George Eliot

Bazar  TEMPO

**As frutas estranhas e vibrantes**  
**SOCORRO ACIOLI**

**Um quarto só seu**

**Jane Austen**

**Jane Eyre e O morro dos ventos uivantes**

**George Eliot**

**Bibliografia de Virginia Woolf**

**Página de Créditos**



## As frutas estranhas e vibrantes

—  
**Socorro Acioli**

LER É UM ATO DE CRIAÇÃO. Ou deveria ser. Ler é, quase sempre, construir um diálogo com quem escreve. Pois o que responderíamos a Virginia Woolf sobre os detalhes e aspectos analisados por ela em *Um quarto só seu*, sob a luz das nossas condições atuais? O que poderíamos contar a ela sobre a relação entre as mulheres e a escrita no nosso tempo? E o que dizemos a nós mesmas, nós mesmos, diante da verdade dessa condição, sobretudo na realidade brasileira? O que podemos mover? Este prefácio é a alegoria de uma resposta.

*Um quarto só seu* chegou até aqui na condição de cânone. E, por sua força de travessia, pode ser lido como uma longa carta de Virginia Woolf para a contemporaneidade. É um texto que atravessa, imponente, uma década após a outra. Enquanto a humanidade existe e avança, muitos textos são escritos, mas poucos alcançam o século seguinte. Os que conseguem são os que guardam códigos fundamentais para a compreensão do futuro.

Mesmo enquanto trata de aspectos abstratos como as ideias, os medos, a profundidade de uma vida intelectual pautada pela poesia e pelos sonhos, é o dinheiro que volta sempre como um marco que confere materialidade à questão das mulheres no seu tempo. A mulher precisa de um quarto com chave e quinhentas libras por ano, ela diz. A mulher não consegue escrever porque precisa cuidar da casa, das crianças, como uma obrigação imposta sem acordo nem trégua, em uma rotina exaustiva que desvia a energia da criação até que se esvaia. “Escrever uma obra genial é quase sempre um feito de prodigiosa dificuldade”, Virginia diz. “Tudo contraria a probabilidade de ela sair da mente do escritor inteira e perfeita. Em geral, as circunstâncias materiais são adversas. Os cães irão latir; as pessoas irão interromper; será preciso ganhar dinheiro; a saúde irá faltar.” É por isso,



então, que ela precisa do seu quarto, de um pedaço de mundo onde exista na sua indevassável individualidade.

A escolha da palavra quarto, nesta tradução de Julia Romeu para a língua portuguesa, confere uma força adicional à metáfora de Virginia Woolf. O quarto psicanalítico, compartimento isolado, a apropriação de um pequeno universo que se expande. A palavra como uma janela. O quarto como nascedouro de uma vida contemplativa, necessária para um intelecto livre.

O texto de *Um quarto só seu* começa com uma voz autoral firme, dialogando conosco e com as pessoas que a ouviram e convidaram, desenvolvendo a irônica relação entre a proposta de falar sobre escritoras e o título de sua conferência. Antecipando o espanto, Virginia brinca com a contradição que se coloca: como é possível falar de mulheres que escrevem se a sociedade da época as proibia de pensar, de estudar, de frequentar bibliotecas, de andar pelo gramado, de comer o mesmo que os homens? Iniciar sua fala assim foi um ato de lucidez, mas sobretudo de coragem. Quando uma mulher decide escrever e dizer o que pensa, está sendo corajosa, há sempre algo a romper, é assim desde o princípio. Mulheres são ensinadas a pedir licença. Ela não pediu.

Virginia diz, em certo momento, que levantar qualquer questão sobre sexo é sempre uma operação muito complexa de raciocínio. Sob essa camada estão relações de poder estabelecidas e preservadas que precisam ser rompidas. Era assim em 1928. Continua sendo.

Um dos contos mais famosos de Jorge Luis Borges, “O outro”, imagina o encontro do narrador com seu duplo mais velho, ambos sentados em um banco à beira do rio Charles, em Boston. O Borges mais velho chega, senta, e o jovem faz uma série de perguntas até constatar que são, os dois, partes da mesma existência. Diante da necessidade de uma prova irrefutável daquele acontecimento, os dois trocam uma moeda de época, o dinheiro como símbolo do real e da concretude da vida.

O conto de Borges inspira o devaneio de imaginar o que aconteceria se uma Virginia Woolf vinda do futuro contasse àquela lúcida jovem, em 1928, o que aconteceu depois com as mulheres escritoras. Ambas sentadas em um banco, à beira do rio. Ela gostaria de saber que muitas coisas mudaram para



as mulheres que nasceram com o desejo de escrever. Ainda não seria a notícia de uma sociedade justa, de um equilíbrio sensato entre a condição masculina e a feminina no mundo literário, mas, sem dúvida, saberia de um contexto diferente do que ela documentou nas suas conferências e nos ensaios publicados em 1925 sobre as irmãs Brontë, Jane Austen e George Eliot, que complementam esta edição.

Sobre George Eliot – pseudônimo de Mary Ann Evans –, Virginia destacou o fato de que ela começou a escrever ficção somente aos 37 anos, depois de inúmeros percursos e superações. Há a consciência ancestral da mulher, carregada de sofrimento e sensibilidade; e, em algum momento, há um transbordamento. George Eliot viveu isso. E precisou estender a mão para além do restrito círculo da vida das mulheres e colher para si as frutas estranhas e vibrantes da arte e do conhecimento.

A respeito de Jane Austen, nota-se o fato de que ela escrevia para todos, para ninguém, para a nossa época, para a própria época; ou seja, mesmo tão jovem, Jane Austen escrevia. Apesar das barreiras do seu tempo, de seu contexto cerceador, ela escrevia. E, assim como Virginia, conseguiu atravessar seu século a partir da literatura.

Já sobre as irmãs Brontë, Virginia Woolf destaca que Emily observou um mundo cindido em gigantesca desordem e sentiu dentro de si o poder de uni-lo em um livro, o célebre *O morro dos ventos uivantes*. Charlotte Brontë, por sua vez, era genial, veemente e indignada.

Para Virginia, “a mulher que nasceu com um talento para a poesia no século XVI era uma mulher infeliz, uma mulher em conflito consigo mesma. Todas as condições da sua vida, todos os seus próprios instintos, eram hostis ao estado de espírito necessário para libertar o que quer que exista no cérebro.” E a mulher que nasceu com um talento para a poesia no século XXI, quais são as suas possibilidades?

Mesmo sendo resultado da intenção inicial de uma conferência e que muitas vezes se dirigia ao seu público no plural, a versão impressa estabelecida nesta edição tem a atmosfera de uma íntima e sofisticada carta, destinada a um coletivo de leitoras e leitores que Virginia Woolf jamais poderia antecipar.



Os dias de hoje, nossos tempos, as leitoras e os leitores que somos, a vida das escritoras contemporâneas, nada disso poderia estar no seu panorama de futuro, por mais criativa que tenha sido. Sua missiva de outono, lançada ao vento voluntarioso daquele outubro de 1928, alcançaria um mundo intensamente transformado, para o bem e para o mal.

Se sentasse no banco de Borges, se pudesse ouvir nossa resposta às suas indignações, Virginia Woolf estaria contente em saber que as coisas mudaram. As mulheres de hoje podem escolher suas profissões, frequentar universidade, bibliotecas, assumir cargos de comando e, sobretudo, podem escrever. Cento e dezesseis mulheres do mundo já ganharam o Prêmio Nobel de Literatura, publicando livros de poesia, contos, romances e reportagens. Sobre o amor e sobre a guerra. As mulheres também ensinam literatura, coordenam cátedras em universidades, proferem palestras e discursos. São ouvidas. São consideradas como detentoras de uma voz.

Talvez ela gostaria de saber que, no Brasil, uma mulher negra chamada Conceição Evaristo começou a escrever na maturidade e hoje é uma de nossas escritoras mais admiradas. E que coletivos de mulheres surgem em todos os estados deste país continental, produzindo literatura sobre absolutamente qualquer tema: amor, ódio, morte, sexo, natureza, todas as forças da vida. E que muitas dessas mulheres leram *Um quarto só seu* e lutaram para ter a sua própria chave.

Um dos trechos mais comoventes deste ensaio é quando Virginia Woolf diz que “o mundo não pede às pessoas que escrevam poemas, romances e livros de história; ele não precisa deles.” É verdade. Há uma máquina movendo tudo indiferente a isso. Mas as mulheres ainda enxergam as frutas estranhas e vibrantes da arte. Elas ainda precisam escrever, apesar do mundo. As palavras de Virginia Woolf ainda ecoam por aqui.

**Socorro Acioli** é jornalista, escritora, doutora em literatura pela Universidade Federal Fluminense (UFF) e coordenadora do Programa de Escrita e Criação da Universidade de Fortaleza – Unifor.



# Um quarto só seu

—



ESTE ENSAIO é baseado em dois artigos apresentados por Virginia Woolf à Sociedade das Artes de Newnham e à ODTAA de Girton<sup>1</sup> em 1928. Os artigos eram longos demais para serem lidos por completo e, desde então, foram alterados e expandidos.

---

<sup>1</sup> Tanto Newnham quanto Girton são faculdades para mulheres que fazem parte da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, e foram fundadas na segunda metade do século XIX. A ODTAA era uma sociedade das alunas de Girton cuja sigla significava “One damn thing after another” [Uma maldita coisa após a outra].

(As notas da edição são da tradutora, exceto as que estão indicadas como N. da A., da autora.)



## Capítulo \_\_\_\_\_ 1

Talvez vocês digam: mas nós pedimos que você falasse sobre as mulheres e a ficção – o que isso tem a ver com um quarto só seu? Eu vou tentar explicar. Quando vocês me pediram para falar sobre as mulheres e a ficção, eu me sentei às margens de um rio e comecei a me perguntar o que essas palavras significam. Talvez signifiquem simplesmente uma fala breve sobre Fanny Burney;<sup>2</sup> outra um pouco mais longa sobre Jane Austen; um tributo às Brontë e um desenho da casa paroquial em Haworth<sup>3</sup> sob a neve; se possível, algumas frases espirituosas sobre a srta. Mitford;<sup>4</sup> uma menção respeitosa a George Eliot; uma referência à sra. Gaskell; e pronto. Mas, olhando melhor, as palavras não pareceram tão simples. O título “As mulheres e a ficção” talvez signifique, e essa talvez tenha sido a intenção de vocês, as mulheres e como elas são; ou as mulheres e a ficção que elas escrevem; ou as mulheres e a ficção que é escrita sobre elas; ou que as três coisas estão inextricavelmente misturadas e vocês querem que eu as discuta sob essa ótica. Mas, quando comecei a pensar no assunto dessa forma, que parecia a mais interessante, logo vi que havia uma desvantagem fatal. Eu jamais seria capaz de chegar a uma conclusão. Jamais seria capaz de cumprir aquilo que é, pelo que compreendi, o principal dever de um palestrante – entregar a vocês, após um discurso de uma hora, uma pepita de verdade, pura, para embrulhar nas páginas de seus cadernos e guardar para sempre em cima da lareira. Tudo o que eu poderia fazer era lhes oferecer uma opinião sobre uma questão menor – uma mulher precisa ter dinheiro e um quarto só seu se quiser escrever ficção; e isso, como vocês verão, não resolve o grande problema da verdadeira natureza da mulher e da verdadeira natureza da ficção. Eu me esquivei do dever de chegar a uma conclusão em relação a essas duas questões – as mulheres e a ficção permanecem, para mim, problemas não resolvidos. Mas, para compensar de alguma maneira, farei o que puder para mostrar a vocês como cheguei a essa opinião sobre o quarto e o dinheiro. Irei desenvolver, na sua presença, da forma mais completa e



irrestrita possível, a associação de ideias que me levou a pensar isso. Talvez, se puser a nu as noções e os preconceitos que estão por trás dessa afirmação, vocês concluirão que eles têm alguma relação com as mulheres e alguma relação com a ficção. De qualquer forma, quando um assunto é altamente controverso – e qualquer questão que lida com sexo é –, não se pode esperar dizer a verdade. Pode-se apenas mostrar como se passou a ter a opinião que se tem. Pode-se apenas dar à plateia a chance de tirar suas próprias conclusões conforme esta observa as limitações, os preconceitos e as idiossincrasias da palestrante. Neste caso, é provável que a ficção contenha mais verdade do que os fatos. Portanto, eu proponho usar todas as liberdades e licenças de romancista para lhes contar a história dos dois dias anteriores à minha vinda aqui – como, vergada pelo peso do assunto que vocês me colocaram sobre os ombros, eu ponderei sobre ele e o fiz penetrar pouco a pouco no meu dia a dia. Não preciso dizer que aquilo que estou prestes a descrever não existe; Oxbridge é uma invenção; Fernham também; “eu” é apenas um termo conveniente para alguém que não é real. As mentiras jorrarão dos meus lábios, mas talvez haja alguma verdade misturada a elas; cabe a vocês buscar essa verdade e decidir se vale a pena guardar alguma parte dela. Se não, vocês irão, é claro, atirar tudo na lixeira e esquecer o assunto.

Então, lá estava eu (chamem-me de Mary Beaton, Mary Seton, Mary Carmichael ou de qualquer nome que quiserem – isso não tem nenhuma importância), sentada às margens de um rio, uma ou duas semanas atrás, num belo dia de outubro, perdida em pensamentos. Aquele peso que mencionei – as mulheres e a ficção –, a necessidade de chegar a uma conclusão sobre um assunto que cria toda sorte de preconceitos e fúrias, fazia minha cabeça pender até o chão. À direita e à esquerda, arbustos de algum tipo, dourados e escarlates, fulgiam com a cor, pareciam até mesmo arder com o calor do fogo. Na margem adiante, os salgueiros choravam num lamento perpétuo, com os cabelos caindo sobre os ombros. O rio refletia o que desejava do céu, da ponte e da árvore ardente e, quando um estudante passava de barco a remo pelos reflexos, eles se fechavam de novo, completamente, como se o estudante jamais houvesse existido. Ali, alguém



poderia permanecer um dia inteiro perdido em pensamentos. O pensamento – para dar a ele um nome mais nobre do que merecia – largara sua linha no riacho. Ela balançou, por diversos minutos, para lá e para cá por entre os reflexos e as algas, deixando que a água a erguesse e afundasse até que... vocês conhecem aquele breve puxão, a súbita conglomeração de uma ideia na ponta da sua linha? E como a erguemos com cautela e a dispomos com cuidado? Ai de mim, quão pequena, quão insignificante essa minha ideia parecia ali disposta sobre a grama; o tipo de peixe que um bom pescador coloca de volta na água para que ele fique mais gordo e um dia valha ser cozido e comido. Não vou incomodá-las com essa ideia agora, porém, se vocês olharem com cuidado, talvez a encontrem por conta própria ao longo do que irei dizer.

No entanto, por menor que fosse essa ideia, ela possuía a propriedade misteriosa de sua espécie – colocada de volta na mente, logo se tornou muito excitante e importante; e, ao disparar e afundar, emitindo lampejos aqui e ali, criou tamanho marulho e agitação de pensamentos que foi impossível permanecer sentada. Foi assim que eu comecei a caminhar com extrema rapidez pelo gramado. Instantaneamente, a silhueta de um homem se ergueu para me interceptar. Eu a princípio tampouco entendi que as gesticulações de um objeto curioso de casaca e camisa eram dirigidas a mim. O rosto dele expressava horror e indignação. O instinto, não a razão, veio ao meu resgate; ele era um bedel; eu era uma mulher. Aqui era o gramado; ali, a aleia. Apenas os professores e estudantes são permitidos aqui; o cascalho é o meu lugar. Bastou um momento para que tais pensamentos me ocorressem. Quando voltei à aleia, os braços do bedel baixaram, seu rosto assumiu a expressão relaxada costumeira e, embora seja mais confortável andar na grama do que no cascalho, nenhum grande mal foi cometido. A única acusação que posso fazer contra os professores e estudantes de qualquer que fosse aquela faculdade era que, em nome da proteção de sua grama, que vem sendo plantada em rolos ininterruptamente há trezentos anos, eles fizeram o meu peixinho se esconder.

Eu não conseguia mais lembrar que ideia me fizera invadir o gramado de



maneira tão audaciosa. O espírito da paz surgiu como uma nuvem descendo do céu, pois, se o espírito da paz vive em algum lugar, é nos pátios e adros de Oxbridge numa bela manhã de outubro. Quando passei por aquelas faculdades, atravessando aqueles salões ancestrais, a aspereza do presente pareceu-me suavizada; meu corpo pareceu estar contido num milagroso armário de vidro no qual nenhum som seria capaz de penetrar e onde a mente, livre de qualquer contato com os fatos (a não ser que eu invadissem o gramado de novo), tinha liberdade para entregar-se a qualquer meditação que estivesse em harmonia com o momento. Por acaso, uma lembrança qualquer de algum ensaio antigo sobre visitar Oxbridge durante as férias mais longas me fez pensar em Charles Lamb – São Charles, disse Thackeray, pressionando uma carta dele contra a testa.<sup>5</sup> Na verdade, entre todos os mortos (eu lhes apresento meus pensamentos conforme eles surgem), Lamb é um dos mais simpáticos; um a quem eu gostaria de dizer “Conte-me, então, como você escreveu seus ensaios?” Pois os ensaios dele são superiores até mesmo aos de Max Beerbohm,<sup>6</sup> pensei eu, com toda sua perfeição, devido àquele lampejo louco de imaginação, àquele raio de genialidade que os deixa imperfeitos, mas estrelados de poesia. Lamb, portanto, veio a Oxbridge cerca de cem anos atrás. Ele decerto escreveu um ensaio – o nome me escapa – sobre um dos poemas de Milton cujo manuscrito viu aqui. Talvez tenha sido “Lycidas”, e Lamb escreveu sobre como o chocou imaginar que qualquer palavra em “Lycidas” poderia ter sido diferente do que é. Pensar em Milton mudando as palavras naquele poema pareceu a ele uma espécie de sacrilégio. Isso me levou a lembrar tudo o que eu pude de “Lycidas” e a me distrair tentando adivinhar que palavra Milton poderia ter alterado, e por quê. Então me ocorreu que o próprio manuscrito que Lamb vira estava a apenas algumas centenas de jardas de distância, de modo que seria possível seguir seus passos sobre o adro até aquela famosa biblioteca onde o tesouro está guardado. Além disso, recordei-me, enquanto colocava esse plano em execução, que nessa famosa biblioteca o manuscrito de *Esmond*, de Thackeray, também está preservado. Os críticos com frequência dizem que *Esmond* é o romance mais perfeito de Thackeray. Mas a afetação do estilo, com sua imitação do século XVIII, atrapalha o leitor,



pelo que me lembro; a não ser, é claro, que o estilo do século XVIII fosse natural para Thackeray – fato que pode ser provado olhando o manuscrito e vendo se as alterações foram feitas em benefício do estilo ou do sentido. Mas, então, seria necessário decidir o que é estilo e o que é sentido, uma questão que... mas ali estava eu, na porta da própria biblioteca. Devo tê-la aberto, pois no mesmo instante surgiu, como um anjo da guarda barrando o caminho ao balançar uma beca negra em vez de asas brancas, um senhor pesaroso, grisalho, gentil, que, em voz baixa, fazendo um gesto para que eu me afastasse, lamentou, dizendo que as damas só podiam entrar na biblioteca se estivessem acompanhadas de um professor da faculdade ou munidas de uma carta de apresentação.

O fato de uma mulher ter praguejado diante de uma famosa biblioteca é tratado com suma indiferença pela famosa biblioteca. Veneranda e tranquila, com todos os seus tesouros trancados em seu interior, ela dorme, complacente; e, por mim, irá continuar assim para sempre. Eu jamais irei acordar esses ecos, jamais voltarei a pedir por essa hospitalidade, jurei ao descer a escada com raiva. Ainda restava uma hora até o almoço e o que se podia fazer? Passear pelos campos? Sentar à margem do rio? Sem dúvida, era uma linda manhã de outono; as folhas flutuavam, vermelhas, até o chão; não seria uma grande provação fazer nem uma coisa nem outra. Mas uma melodia me chegou aos ouvidos. Algum culto ou celebração estava acontecendo. O órgão ecoou de maneira magnífica quando passei pela porta da capela. Até mesmo a tristeza do cristianismo soava, naquele ar sereno, mais como a lembrança da tristeza do que como a tristeza em si; até as lamúrias do órgão ancestral pareciam mergulhadas na paz. Eu não tive vontade de entrar, mesmo se tivesse o direito; e, dessa vez, o sacristão poderia ter me impedido, exigindo, quem sabe, meu certificado de batismo ou uma carta de apresentação do reitor. Mas o exterior dessas construções magníficas muitas vezes é tão bonito quanto o interior. Além do mais, já era divertido o suficiente observar os fiéis se reunindo, entrando e voltando a sair, ocupados à entrada da capela como abelhas na boca da colmeia. Muitos estavam de capelo e beca; alguns tinham tufo de pelo nos ombros; outros foram trazidos de cadeiras de rodas; outros, embora não houvessem



passado da meia-idade, pareciam ter sido amassados e enrugados até adquirir formatos tão peculiares que lembravam aqueles caranguejos e lagostins que se arrastam com dificuldade pela areia de um aquário. Enquanto eu estava ali, recostada na parede, a universidade, na realidade, me pareceu um santuário onde são preservadas espécies raras que logo se tornariam obsoletas se tivessem de brigar pela existência na calçada da rua Strand. Velhas histórias sobre velhos reitores e velhos doutores me surgiram na cabeça, mas, antes que eu tivesse coragem de assoviar – costumavam dizer que, ao ouvir um assovio, um velho professor imediatamente se punha a galopar –, os veneráveis fiéis haviam entrado. O exterior da capela permaneceu ali. Como vocês sabem, é possível ver suas altas cúpulas e seus pináculos, como um navio sempre navegando sem nunca chegar, iluminados à noite a milhas de distância, até do outro lado das colinas. Presumivelmente, um dia esse adro com seu gramado liso, suas enormes construções e até mesmo a capela foram um pântano, onde a relva balançava e os porcos cavavam raízes. Inúmeros cavalos e bois, pensei eu, devem ter trazido as pedras de países distantes; e então, após um esforço infinito, os blocos cinzentos à sombra dos quais eu me encontrava foram colocados em ordem uns sobre os outros; e então os pintores trouxeram os vitrais das janelas e os pedreiros passaram séculos trabalhando lá no telhado com argamassa e cimento, pá e espátula. Todo sábado, alguém deve ter derramado ouro e prata de uma bolsa de couro sobre aquelas mãos ancestrais, pois, presumivelmente, os homens iam se distrair no fim do dia. Uma torrente infindável de ouro e prata, pensei eu, deve ter jorrado sobre esse adro para que as pedras continuassem a chegar e os pedreiros, a trabalhar; a plainar, valar, cavar, drenar. Mas aquela era a idade da fé e o dinheiro foi generosamente derramado para que essas pedras fossem colocadas sobre fundações profundas; e, quando as pedras foram erguidas, mais dinheiro foi derramado dos cofres de reis, rainhas e grandes nobres para garantir que, aqui, hinos seriam cantados e estudantes aprenderiam. Terras foram cedidas; dízimos, pagos. E, quando a idade da fé terminou e a idade da razão chegou, a mesma torrente de ouro e prata continuou; sociedades foram fundadas; leitorados, estabelecidos; mas o ouro e a prata



não jorravam mais dos cofres do rei, e sim dos baús de mercadores e fabricantes, das bolsas de, digamos, homens que haviam feito fortuna com a indústria e que devolveram, em seus testamentos, uma parcela generosa para estabelecer mais cadeiras, mais leitorados, mais sociedades na universidade onde haviam aprendido seu ofício. Daí vêm as bibliotecas e laboratórios; os observatórios; a esplêndida coleção de instrumentos caros e delicados que agora estão em prateleiras de vidro onde, séculos atrás, a relva balançava e os porcos cavavam raízes. Sem dúvida, conforme eu passeava pelo pátio, a fundação de ouro e prata me pareceu profunda o suficiente; as pedras estavam sólidas sobre a relva silvestre. Homens com bandejas sobre as cabeças iam, ocupados, de escada em escada. Flores chamativas desabrochavam em jardineiras. O clamor do gramofone vinha dos quartos lá dentro. Era impossível não refletir... mas a reflexão, qualquer que fosse, foi interrompida. O relógio soou. Estava na hora de ir almoçar.

É um fato curioso que os romancistas têm o hábito de nos fazer acreditar que almoços são invariavelmente memoráveis graças a algo muito espirituoso que foi dito ou algo muito sábio que foi feito. Mas eles quase nunca escrevem uma palavra sobre o que foi comido. Faz parte da convenção do romancista não mencionar sopa, salmão e patos, como se sopa, salmão e patos não tivessem a menor importância, como se ninguém nunca fumasse um charuto ou tomasse uma taça de vinho. Aqui, no entanto, tomarei a liberdade de não seguir essa convenção e dizer a vocês que o almoço, nessa ocasião, começou com linguado servido numa assadeira funda, sobre o qual o cozinheiro da faculdade espalhou uma camada de creme mais branco, exceto pelo fato de haver, aqui e ali, algumas manchinhas marrons, como as que se vê no couro de uma corça. Depois vieram as perdizes, mas se isso as faz pensar em um ou dois pássaros carecas e marrons numa travessa, vocês se enganaram. As perdizes, que eram muitas, chegaram com todo o seu séquito de molhos e saladas, os acres e os doces, todos na ordem certa; suas batatas, finas como moedas, mas não tão duras; suas couves-de-bruxelas, folhosas como rosas, porém mais suculentas. E, assim que havíamos acabado com o prato principal e seu séquito, os homens silenciosos que nos serviam, e que talvez fossem o



próprio reitor numa manifestação mais branda, colocaram diante de nós, cercada de guardanapos, uma obra que se erguia como uma onda, toda feita de açúcar. Chamá-la de pudim e, desse modo, associá-la a arroz e tapioca, seria um insulto. Enquanto isso, as taças de vinho haviam sido enchidas de amarelo e escarlate; sido esvaziadas; e voltado a se encher. E assim, gradualmente, foi acesa, na metade da espinha dorsal, que é a morada da alma, não aquela luzinha elétrica forte que chamamos de genialidade, quando ela entra e sai pelos nossos lábios, mas o fulgor mais profundo, sutil e subterrâneo que é a chama viva e amarela da conversa racional. Não havia necessidade de se apressar. De brilhar. De ser ninguém além de si mesmo. Nós todos vamos para o céu e Van Dyck vai conosco.<sup>7</sup> Em outras palavras, como a vida parecia boa, como a amizade e companhia dos nossos pares pareciam admiráveis quando, acendendo um bom cigarro, afundamos nas almofadas do banco diante da janela.

Se, por sorte, houvesse um cinzeiro ali perto; se eu não tivesse batido a cinza pela janela na falta dele; se as coisas tivessem sido um pouco diferentes do que foram, eu não teria, presumivelmente, visto um gato sem rabo. Ver aquele animal abrupto e truncado caminhando em silêncio sobre o adro mudou, por algum acaso da inteligência inconsciente, a luz emocional para mim. Foi como se alguém houvesse fechado uma cortina. Talvez o efeito daquele vinho excelente estivesse se dissipando. O certo é que, enquanto eu observava o gato manx<sup>8</sup> parar no meio do gramado como se ele também questionasse o universo, algo me pareceu estar faltando, me pareceu diferente. Mas o que faltava, o que estava diferente?, me perguntei, ouvindo a conversa. E, para responder a essa pergunta, tive de me imaginar fora da sala, de volta ao passado, antes da guerra,<sup>9</sup> e dispor diante dos meus olhos o modelo de outro almoço dado num salão não muito distante desse; mas diferente. Tudo era diferente. Enquanto isso, a conversa continuava entre os convidados, que eram muitos e eram jovens, alguns de um sexo, outros, do outro; continuava fácil, agradável, franca e divertida. E, enquanto continuava, eu a coloquei contra o fundo daquela outra conversa e, quando comparei as duas, não tive dúvidas de que uma era a descendente, a legítima herdeira da outra. Nada tinha mudado; nada estava diferente, com a



exceção de que ali, eu ouvi com minha atenção voltada não inteiramente para o que estava sendo dito, mas para o murmúrio ou correnteza por trás. Sim, era isso – era ali que estava a mudança. Antes da guerra, num almoço como esse, as pessoas teriam dito exatamente as mesmas coisas, mas teriam soado diferentes, porque, naquela época, eram acompanhadas por uma espécie de zumbido, não articulado, mas musical, excitante, que mudava o valor das próprias palavras. Seria possível dar uma letra àquele zumbido? Talvez com a ajuda dos poetas. Havia um livro ao meu lado e, abrindo-o, virei as páginas de maneira suficientemente casual até chegar a Tennyson. E vi que Tennyson cantava:

Caiu uma lágrima esplêndida  
Da flor de maracujá no portão.  
Ela vem, meu amor, minha querida;  
Ela vem, minha vida, meu destino;  
A rosa vermelha exclama “Ela está perto”;  
E a rosa branca chora “Ela não chega”;  
O delfino diz “Eu ouço, eu ouço”;  
E o lírio sussurra, “Eu espero.”<sup>10</sup>

Era isso que os homens murmuravam nos almoços antes da guerra? E as mulheres?

Meu coração é como um pássaro que canta  
Cujo ninho fica num broto orvalhado;  
Meu coração é como uma macieira  
Cujos galhos pendem de frutas suculentas;  
Meu coração é como uma concha furta-cor  
Que rema num mar alciônico;  
Meu coração é mais feliz do que tudo isso  
Pois meu amor veio para perto de mim.<sup>11</sup>

Era isso que as mulheres murmuravam nos almoços antes da guerra?  
Foi tão ridículo pensar nas pessoas murmurando essas coisas, mesmo



baixinho, em almoços antes da guerra que eu desatei a rir e tive de explicar o meu riso apontando para o gato manx, que de fato parecia um pouco absurdo, pobrezinho, sem rabo, ali, no meio do gramado. Será que ele tinha mesmo nascido daquele jeito ou perdido o rabo num acidente? O gato sem rabo, embora se diga que existem alguns na ilha de Man, é mais raro do que se imagina. É um animal peculiar, mais exótico do que bonito. É estranha a diferença que um rabo faz – vocês sabem o tipo de coisa que se diz quando um almoço está chegando ao fim e as pessoas estão procurando seus casacos e chapéus.

Esse almoço, graças à hospitalidade do anfitrião, durara até o meio da tarde. O lindo dia de outubro se esvaecia e as folhas caíam das árvores na alameda por onde eu caminhava. Portão atrás de portão pareciam se fechar de maneira gentil, porém decisiva, às minhas costas. Inúmeros bedéis estavam colocando inúmeras chaves em fechaduras bem lubrificadas; a casa dos tesouros estava sendo protegida para mais uma noite. Após a alameda, dá-se numa estrada – me esqueci do nome – que leva, se pegarmos a saída certa, até Fernham. Mas havia bastante tempo. O jantar era só às sete e meia. Seria quase possível ficar sem jantar após tal almoço. É estranho como um pedaço de poesia causa um efeito na mente e faz as pernas se moverem seguindo o ritmo dele. Essas palavras:

Caiu uma lágrima esplêndida  
Da flor de maracujá no portão.  
Ela vem, meu amor, minha querida...

dançavam nas minhas veias conforme fui andando depressa na direção de Hedingley. E então, trocando para a outra estrofe, eu cantei, no lugar onde as águas são revolvidas pela represa:

Meu coração é como um pássaro que canta  
Cujo ninho fica num broto orvalhado;  
Meu coração é como uma macieira...

Que poetas – exclamei eu, como em geral se faz no crepúsculo – que



poetas eles eram!

Sentindo uma espécie de inveja, suponho, em nome da nossa época, por mais tolas e absurdas que sejam essas comparações, eu então me perguntei se seria capaz de, com honestidade, citar dois poetas vivos tão bons quanto Tennyson e Christina Rossetti. Obviamente, pensei, olhando as águas espumantes, é impossível compará-los. O motivo pelo qual aquela poesia leva alguém a tamanha entrega, tamanho êxtase, é o fato de ela celebrar um sentimento que se costumava ter (em almoços antes da guerra, talvez), de modo que se reage com facilidade e familiaridade, sem se incomodar em verificar o sentimento ou compará-lo com qualquer um que se tenha agora. Mas os poetas vivos expressam um sentimento que está sendo feito e arrancado de nós neste momento. Nós não o reconhecemos a princípio; e muitas vezes, por algum motivo, o tememos; o observamos de maneira penetrante e o comparamos, com inveja e desconfiança, com o velho sentimento que conhecíamos. Daí surge a dificuldade da poesia moderna; e é por causa dessa dificuldade que ninguém consegue se lembrar de mais do que dois versos consecutivos de qualquer bom poeta moderno. Por esse motivo – o de que a memória me falhava – o argumento murchou por falta de material. Mas por que, continuei eu, seguindo na direção de Headingley, nós paramos de murmurar baixinho nos almoços? Por que Alfred deixou de cantar:

Ela vem, meu amor, minha querida.

Por que Christina deixou de responder:

Meu coração é mais feliz do que tudo isso

Pois meu amor veio para perto de mim?

Devemos colocar a culpa na guerra? Quando os tiros soaram em agosto de 1914, será que os rostos dos homens e das mulheres mostraram com tanta clareza aos olhos uns dos outros que o romantismo estava morto? Decerto foi um choque (para as mulheres em particular, com suas ilusões sobre a educação e tudo o mais) ver os rostos dos nossos governantes à luz



do fogo da artilharia. Como eles pareciam feios – alemães, ingleses, franceses – como pareciam estúpidos. Mas, no que quer que se coloque a culpa, em quem quer que se coloque a culpa, fato é que a ilusão que inspirou Tennyson e Christina Rossetti a cantarem de maneira tão apaixonada sobre a chegada de seus amores é muito mais rara agora do que era então. Basta ler, olhar, ouvir, para lembrar. Mas por que dizer “culpar”? Por que, se era uma ilusão, não louvar a catástrofe, qualquer que tenha sido, que destruiu a ilusão e colocou a verdade em seu lugar? Pois a verdade... esses pontos marcam o lugar no qual, em busca da verdade, eu passei da saída que dá em Fernham. Isso mesmo, o que era verdade e o que era ilusão?, eu me perguntei. Qual era a verdade sobre aquelas casas, por exemplo, que naquele momento estavam alegres, com suas janelas vermelhas à meia-luz do crepúsculo, mas que ficariam cruas, rubras e miseráveis, com seus doces e seus cadarços largados, às nove da manhã? E os salgueiros, o rio e os jardins que dão no rio, vagos agora com a névoa cobrindo-os devagar, mas dourados e vermelhos à luz do sol – qual era a verdade e qual era a ilusão sobre eles? Eu lhes pouparei das idas e vindas das minhas cogitações, pois nenhuma conclusão foi encontrada na estrada que levava a Headingley e eu lhes peço para supor que logo descobri o engano da saída e retornei, a caminho de Fernham.

Como eu já disse que era um dia de outubro, não ousei abrir mão de seu respeito e colocar em risco a boa reputação da ficção mudando de estação e descrevendo lírios pendendo sobre os muros dos jardins, açafrões, tulipas e outras flores da primavera. A ficção deve se ater aos fatos e, quanto mais verdadeiros os fatos, melhor a ficção – é o que nos dizem. Portanto, ainda era outono, as folhas ainda estavam amarelas e, pelo contrário, caíam ainda mais depressa do que antes, pois agora já era noite (sete e vinte e três, para ser exata) e uma brisa (vinda do sudoeste, para ser precisa) surgira. Mas, ainda assim, havia algo de estranho acontecendo:

Meu coração é como um pássaro que canta  
Cujo ninho fica num broto orvalhado;  
Meu coração é como uma macieira



Cujos galhos pendem de frutas suculentas...

talvez as palavras de Christina Rossetti fossem parcialmente responsáveis pela loucura que me fez imaginar – não era nada, é claro, apenas a minha imaginação – que o lilás sacudia suas flores sobre os muros do jardim, que as borboletas-limão vojavam para cá e para lá e que a poeira do pólen estava no ar. Um vento soprou, vindo de onde eu não sei, mas ele ergueu as folhas meio crescidas de modo que se viu um lampejo prateado. Era o momento entre as luzes, quando as cores passam por uma intensificação e os violetas e dourados ardem nos vidros das janelas como o pulsar de um coração excitável; quando, por algum motivo, a beleza do mundo, revelada, mas que logo irá fenecer (aqui eu entrei no jardim, pois alguém cometera a imprudência de deixar o portão aberto, e não parecia haver nenhum bedel à vista), a beleza do mundo que logo irá fenecer tem dois gumes, um de riso, outro de angústia, cortando o coração em dois. Os jardins de Fernham estavam diante de mim no crepúsculo da primavera, selvagens e abertos, e, na grama crescida, atirados de maneira descuidada, havia narcisos e jacintos, que talvez não sejam ordeiros nem em seus melhores dias, mas que agora balançavam ao sabor do vento, puxando as próprias raízes. As janelas do edifício, curvadas como as janelas de um navio entre ondas generosas de tijolos vermelhos, iam de um tom limão a prata sob a fuga rápida das nuvens de primavera. Alguém estava numa rede, e outra pessoa, mas nessa luz eram fantasmas apenas, meio imaginados, meio vistos, estava correndo sobre a grama. Ninguém iria impedi-la? E então, no terraço, como que saindo para respirar um pouco de ar fresco, para dar uma olhada no jardim, surgiu uma figura vergada, imponente, porém humilde, com sua enorme testa e seu vestido puído – seria a famosa intelectual, seria a própria J.H.<sup>12</sup>? Tudo estava escuro, mas também intenso, como se o lenço que o crepúsculo jogara sobre o jardim houvesse sido partido por uma estrela ou uma espada – o corte de alguma terrível realidade saltando, como sempre acontece, do coração da primavera. Pois a juventude...

Aqui estava a minha sopa. O jantar estava sendo servido no grande salão. Estava longe de ser primavera; era, na verdade, uma noite de outubro.



Todas estavam reunidas no grande salão. O jantar estava pronto. Aqui estava a sopa. Era uma sopa simples de carne. Não havia nada que despertasse a imaginação nisso. Teria sido possível ver, através do líquido transparente, qualquer desenho que houvesse no prato. Mas não havia desenho. O prato era liso. Depois, veio a carne com seu acompanhamento de couve e batatas – uma trindade simples, que levava a pensar em cortes de boi num mercado enlameado, em couves amarelas com as pontas curvadas, em barganhas e pechinchas e em mulheres carregando sacolas numa segunda-feira de manhã. Não havia motivo para reclamar da comida diária da natureza humana, considerando-se que havia quantidade suficiente e que, sem dúvida, mineiros de carvão estavam naquele instante comendo menos. Depois, vieram ameixas com creme. E, se alguém reclamar que as ameixas, mesmo mitigadas por creme, são um vegetal cruel (pois fruta não são), fibrosas como o coração de um avarento e vertendo um fluido como aquele que deve correr nas veias de um avarento que se furtou do vinho e do calor durante oitenta anos e ainda assim não deu nada aos pobres, essa pessoa deve refletir que existem aqueles que têm caridade até com as ameixas. Depois vieram os biscoitos e o queijo, e aqui a jarra de água foi muito passada ao redor da mesa, pois é da natureza dos biscoitos serem secos e esses eram biscoitos até o âmago. Isso foi tudo. A refeição tinha acabado. Todas afastaram suas cadeiras; as portas vai e vem balançaram com violência para um lado e para o outro; logo, o salão estava livre de qualquer resquício de comida e arrumado, decerto para o café da manhã do dia seguinte. Pelos corredores abaixo e pelas escadas acima, a juventude da Inglaterra saiu cantando e fazendo algazarra. E caberia a uma convidada, uma estranha (pois eu não tinha mais direitos aqui em Fernham do que em Trinity, Somerville, Girton, Newnham ou Christchurch)<sup>13</sup> dizer “o jantar não foi bom”, ou dizer (pois eu e Mary Seton agora estávamos em sua saleta de estar) “nós não podíamos ter jantado aqui sozinhas?” Pois, se eu houvesse dito isso, estaria me intrometendo nas economias secretas de uma casa que mostra uma fachada tão bonita de alegria e coragem para uma estranha. Não, não era possível dizer nada daquilo. Na verdade, a conversa, por alguns instantes, morreu. Já que os seres humanos são como são, com o coração, o



corpo e o cérebro todos misturados e não guardados em compartimentos separados, da maneira como, sem dúvida, serão daqui a um milhão de anos, um bom jantar é de grande importância para uma boa conversa. É impossível pensar bem, amar bem, dormir bem, se não se jantou bem. A luz da espinha dorsal não se acende com carne de boi e ameixas. Nós todos *provavelmente* vamos para o céu e *esperamos* que Van Dyck vá nos encontrar na próxima esquina – esse é o estado de espírito duvidoso e moderado que carne de boi e ameixas ao fim do dia fazem nascer. Por felicidade, a minha amiga, que dava aula de ciências, tinha um armário onde havia uma garrafa quadrada e copinhos (mas deveria ter havido linguado e perdizes desde o começo), de modo que nós pudemos chegar perto do fogo e reparar alguns dos danos cometidos pelo viver daquele dia. Após cerca de um minuto, estávamos deslizando livremente por entre aqueles objetos de curiosidade e interesse que se formam na mente na ausência de uma pessoa específica e que surgem com naturalidade quando se volta a encontrá-la – como uma pessoa se casou, outra não; como uma melhorou tanto que não é possível reconhecê-la e outra piorou muito –, com todas aquelas especulações sobre a natureza humana e sobre o caráter do mundo inacreditável em que vivemos que brotam em tais começos de conversa. No entanto, enquanto essas coisas estavam sendo ditas, eu, envergonhada, me dei conta de que uma corrente estava surgindo sozinha e carregando tudo até um fim próprio. Podia-se falar da Espanha ou de Portugal, de livros ou corridas de cavalos, mas o verdadeiro interesse do que quer que fosse dito não era nenhuma dessas coisas, eram pedreiros num telhado alto cinco séculos atrás. Reis e nobres trouxeram tesouros em sacos imensos e derramaram sob a terra. Essa cena não parava de ganhar vida na minha mente e de se colocar ao lado de outra, com vacas magras num mercado enlameado, couves murchas e os corações fibrosos dos velhos – essas duas imagens, apesar de serem desconjuntadas, desconexas e sem sentido, não paravam de se juntar e se combater, e me tinham inteiramente à sua mercê. O melhor caminho, a não ser que a conversa inteira fosse ser distorcida, era expor ao ar aquilo que estava na minha mente, quando então, com sorte, ele se esvaeceria e se despedaçaria como a cabeça do rei morto quando abriram



seu caixão em Windsor.<sup>14</sup> Resumidamente, então, eu contei à srta. Seton sobre os pedreiros que tinham passado todos aqueles anos no telhado da capela, e sobre os reis, as rainhas e os nobres trazendo sacos de ouro e prata nos ombros, que colocaram, com pás, dentro da terra; e depois sobre como os grandes magnatas da nossa própria época vieram e colocaram cheques e ações, suponho, onde os outros colocaram lingotes e blocos de ouro. Tudo isso está debaixo daquelas faculdades lá, disse eu; mas e esta faculdade, onde nós estamos sentadas agora, o que há debaixo de seus valentes tijolos vermelhos e da grama mal cortada do jardim? Que força está por trás da louça sem desenho que usamos para comer e (isso pulou da minha boca antes que eu pudesse impedir) da carne de boi, do creme e das ameixas?

Bem, disse Mary Seton, lá pelo ano de 1860... Ah, mas você já sabe a história, disse ela – cansada, suponho, de tanto relatá-la. E ela me contou: salas foram alugadas. Comitês se reuniram. Envelopes foram endereçados. Circulares foram redigidas. Encontros ocorreram; cartas foram lidas em voz alta; fulano de tal prometeu tanto; por outro lado, o sr. \_\_\_ não vai dar nem um centavo. O *Saturday Review* foi muito grosseiro. Como podemos arrecadar verba para pagar por escritórios? Devemos fazer um bazar? Não podemos encontrar uma menina bonita para sentar na primeira fileira? Vamos ver o que John Stuart Mill escreveu sobre o assunto. Alguém consegue convencer o editor do \_\_\_ a publicar uma carta? Será que lady \_\_\_ assinaria? Lady \_\_\_ está viajando. É assim, presumivelmente, que foi feito sessenta anos atrás, e foi um esforço prodigioso e levou um tempo enorme.<sup>15</sup> E foi só depois de uma longa luta e com a maior dificuldade que elas juntaram 30 mil libras.<sup>16</sup> Então, obviamente, não podemos tomar vinho, comer perdizes e ter criados que carregam bandejas nas cabeças, disse ela. Não podemos ter sofás e quartos separados. “Os confortos”, disse ela, citando um livro qualquer, “terão de esperar.”<sup>17</sup>

Ao pensar em todas essas mulheres trabalhando ano após ano e tendo dificuldades em juntar 2 mil libras, e quase não conseguindo juntar 30 mil, nós soltamos exclamações de desprezo pela repreensível pobreza do nosso sexo. O que nossas mães ficaram fazendo para não ter nenhuma fortuna para nos deixar? Passando pó de arroz no nariz? Olhando as vitrines?



Pegando sol em Monte Carlo? Havia algumas fotografias em cima da lareira. A mãe de Mary – se é que aquela foto era dela – talvez tenha sido uma perdulária nas horas vagas (ela teve treze filhos de um pároco da igreja), mas, se foi, sua vida alegre e dissipada deixou poucos traços de prazer em seu rosto. Ela era mal-apessoada; uma senhora com um xale xadrez preso por um camafeu grande, sentada numa cadeira de palha, encorajando um spaniel a olhar para a câmera, com aquela expressão divertida, porém tensa, de alguém que tem certeza de que o cachorro vai se mexer assim que dispararem o flash. Mas, se ela houvesse entrado no ramo dos negócios; se tornado uma fabricante de seda artificial ou uma magnata da Bolsa de Valores; e deixado 200 ou 300 mil libras para Fernham, nós poderíamos estar sentadas na maior comodidade esta noite e o assunto da nossa conversa poderia ter sido arqueologia, botânica, antropologia, física, a natureza do átomo, matemática, astronomia, relatividade, geografia. Se a sra. Seton, sua mãe e sua avó tivessem aprendido a grande arte de ganhar dinheiro e tivessem, como seus pais e avôs, deixado seu dinheiro para fundar sociedades, leitorados, prêmios e bolsas voltados para o uso de seu próprio sexo, nós poderíamos ter servido um jantar aceitável aqui em cima sozinhas, com uma ave e uma garrafa de vinho; poderíamos ter uma expectativa bastante razoável de levar uma vida agradável e honrosa ao abrigo de uma das profissões mais lucrativas. Poderíamos explorar, escrever ou vagar pelos lugares veneráveis da terra; nos sentar, contemplativas, nos degraus do Partenon ou ir para um escritório às dez e voltar para casa satisfeitas às quatro e meia para escrever um pouco de poesia. Mas, se a sra. Seton e outras iguais e ela tivessem entrado no ramo dos negócios aos 15 anos de idade, minha amiga Mary não teria existido – esse era o problema com o argumento. O que, perguntei eu, Mary achava disso? Lá, entre as cortinas, estava a noite de outubro, tranquila e bela, com uma ou duas estrelas presas entre as árvores de folhas amareladas. Será que Mary estava preparada para abrir mão da parte que lhe cabia daquela noite e de suas lembranças (pois sua família fora feliz, apesar de grande) das brincadeiras e das brigas lá na Escócia, que ela nunca se cansava de elogiar pela pureza do ar e a qualidade dos bolos, para que Fernham pudesse ter



Bloomsbury no inverno. Os homens de voz rouca que sempre estão por ali marchavam pelas ruas levando plantas em carrinhos de mão. Alguns gritavam; outros cantavam. Londres era uma oficina. Londres era uma máquina. Nós estávamos todos sendo atirados para a frente e para trás diante desse fundo branco para formar algum desenho. O Museu Britânico era outro departamento da fábrica. As portas vai e vem se abriram; e lá estava eu sob a enorme cúpula, como se fosse um pensamento na imensa testa careca que é circundada de maneira tão esplêndida por uma faixa de nomes famosos. Fui ao balcão; peguei uma tira de papel; abri um dos tomos do catálogo e..... os cinco pontos aqui indicam cinco minutos inteiros de estupefação, assombro e perplexidade. Vocês fazem alguma ideia de quantos livros são escritos sobre as mulheres ao longo de um ano? Fazem alguma ideia de quantos são escritos por homens? Têm consciência de que talvez sejam o animal mais discutido do universo? Eu fora até lá levando um caderno e um lápis, com a intenção de passar a manhã lendo, supondo que, no fim daquelas horas, teria transferido a verdade para o meu caderno. Mas eu teria de ser uma manada de elefantes, pensei, e uma floresta de aranhas, referindo-me desesperadamente aos animais que dizem ser os mais longevos e àqueles que possuem os mais múltiplos olhos, para conseguir lidar com tudo aquilo. Eu precisaria de garras de aço e um bico de latão só para penetrar a casca. Como serei capaz de encontrar os grãos de verdade engastados nessa massa de papel? Eu me perguntei e, em desalento, comecei a passar os olhos para cima e para baixo pela longa lista de títulos. Até mesmo os nomes dos livros me deram o que pensar. É claro que o sexo e sua natureza atraem médicos e biólogos; mas o surpreendente e difícil de explicar era o fato de que o sexo – ou seja, a mulher – também atraía afáveis ensaístas, romancistas de dedos leves, rapazes que fizeram mestrado, rapazes que não se formaram em coisa nenhuma, homens sem nenhuma qualificação aparente exceto não serem mulheres. Alguns desses livros pareciam ser frívolos e jocosos; mas muitos outros, por outro lado, eram sérios e proféticos, morais e exortatórios. Apenas a leitura dos títulos trazia à lembrança inúmeros professores, inúmeros clérigos subindo em suas plataformas e púlpitos e discursando com uma loquacidade que



Não restara nem uma gota.

Seria impossível voltar para casa, refleti, e acrescentar como contribuição séria ao estudo sobre as mulheres e a ficção o fato de que as mulheres têm menos pelos no corpo do que os homens, ou que a idade da puberdade entre os ilhéus do Pacífico Sul é nove anos – ou seria noventa? Até mesmo a minha caligrafia, em sua perturbação, se tornara indecifrável. Era uma desonra não ter nada mais respeitável ou de maior peso para mostrar após passar uma manhã inteira trabalhando. E se eu não conseguia chegar à verdade sobre M (como, por questão de brevidade, passara a chamá-la) no passado, por que me incomodar com M no futuro? Parecia pura perda de tempo consultar todos aqueles cavalheiros que se especializam na mulher e em seu efeito sobre o que quer que seja – a política, as crianças, os salários, a moral – por mais numerosos e eruditos que eles sejam. Era melhor manter seus livros fechados.

Mas, ao mesmo tempo que ponderava, eu, inconscientemente, no meu desânimo, no meu desespero, vinha fazendo um desenho, embora devesse, como o meu vizinho, estar escrevendo uma conclusão. Eu vinha desenhando um rosto, um corpo. Era o rosto e o corpo do professor von X, ocupado em escrever sua obra monumental, intitulada *A inferioridade mental, moral e física do sexo feminino*. Ele não era, no meu desenho, um homem do tipo que atrai as mulheres. Era corpulento; tinha uma grande papada; para equilibrar, olhos muito pequenos; e um rosto muito vermelho. Sua expressão indicava que estava dominado por alguma emoção que o fazia cravar a caneta no papel como se estivesse matando algum inseto nocivo enquanto escrevia, mas, mesmo após matá-lo, ele não se satisfazia; precisava continuar matando-o; e ainda assim lhe restava alguma causa de raiva e irritação. Poderia ser sua esposa?, perguntei, olhando para o desenho. Será que ela estava apaixonada por um oficial da cavalaria? Será que o oficial da cavalaria era esbelto, elegante e vestia astracã? Será que uma menina bonita tinha rido do professor quando ele ainda era bebê, para adotar a teoria freudiana? Pois nem quando bebê ele deve ter sido uma criança atraente, pensei. Fosse qual fosse o motivo, o professor fora desenhado por mim como um homem muito feio que estava com muita raiva enquanto



talvez, por sermos os escravos da ilusão que somos, ela exige confiança em si mesmo. Sem autoconfiança, somos como crianças de berço. E como podemos gerar essa qualidade imponderável, que ainda assim é tão valiosa, da maneira mais rápida? Pensando que talvez outras pessoas sejam inferiores a nós. Sentindo que talvez tenhamos alguma superioridade inata – talvez fortuna, ou posição social, ou um nariz reto, ou um retrato de um avô pintado por Romney,<sup>29</sup> pois não há fim para os ardis patéticos da imaginação humana – às outras pessoas. Daí a enorme importância para um patriarca que precisa conquistar, que precisa reinar, de sentir que um número enorme de pessoas, metade da raça humana, na verdade, é, por natureza, inferior a ele. Isso deve, realmente, ser uma das fontes do seu poder. Mas deixe-me voltar a luz dessa observação para a vida real, eu pensei. Será que ela ajuda a explicar alguns daqueles enigmas psicológicos que nós anotamos nas margens da vida cotidiana? Será que explica o meu espanto do outro dia, quando Z, um homem tão gentil e tão modesto, pegando um livro de Rebecca West<sup>30</sup> e lendo um trecho, exclamou: “Essa feminista contumaz! Ela diz aqui que os homens são esnobes!” A exclamação, tão surpreendente para mim – afinal, por que chamar a srta. West de feminista contumaz por fazer uma afirmação possivelmente verdadeira, ainda que não muito lisonjeira, sobre o outro sexo? –, não era apenas o grito de alguém com a vaidade ferida; era um protesto contra alguma violação de seu poder de acreditar em si mesmo. Durante todos esses séculos, as mulheres serviram de espelho, possuindo o poder mágico e delicioso de refletir o homem de um tamanho duas vezes maior do que o natural. Sem esse poder, a terra talvez ainda estivesse coberta por pântanos e selvas. As glórias de todas as nossas guerras seriam desconhecidas. Nós ainda estaríamos gravando silhuetas de cervos em ossos de carneiros e trocando pederneiras por peles de ovelha ou qualquer ornamento simples que agradasse ao nosso gosto rústico. “Super-homens” e “Dedos do destino” jamais teriam existido. O Czar e o Kaiser jamais teriam usado coroas ou as perdido. Qualquer que seja o seu uso em sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais para todas as ações violentas e heroicas. É por isso que Napoleão e Mussolini enfatizam tanto a



panorama do céu aberto.

Pensando assim, refletindo assim, eu acabei voltando para a minha casa perto do rio. Os postes estavam sendo acesos e uma mudança indescritível ocorrera em Londres desde aquela manhã. Era como se a grande máquina, depois de trabalhar o dia todo, houvesse feito, com a nossa ajuda, alguns metros de algo muito excitante e belo – um tecido cor de fogo flamejando com olhos vermelhos, um monstro laranja rugindo com o hálito quente. Até o vento parecia tremular como uma bandeira, açoitando as casas e sacudindo as cercas.

Na minha ruazinha, no entanto, a domesticidade prevalecia. O pintor de casas estava descendo sua escada; a babá, empurrando o carrinho cuidadosamente até o quarto das crianças, onde seria servido o chá; o entregador de carvão, dobrando seus sacos vazios e colocando-os uns sobre os outros; a mulher que cuida da mercearia, somando os ganhos do dia com as mãos protegidas por luvas vermelhas. Mas eu estava tão absorta pelo problema que vocês colocaram sobre os meus ombros que não consegui nem ver essas cenas habituais sem me lembrar de um cerne específico. Pensei em como é mais difícil agora do que deve ter sido um século atrás dizer quais dessas profissões é mais importante, mais necessária. É melhor ser um entregador de carvão ou uma babá? A faxineira que criou oito filhos tem menos valor para o mundo do que o advogado que ganhou 100 mil libras? É inútil fazer tais perguntas, pois ninguém sabe respondê-las. Não apenas os valores comparativos de faxineiras e advogados aumentam e diminuem a cada década, como não temos trenas com as quais medi-los nem da maneira que estão neste momento. Eu fora tola em pedir que o meu professor me desse “provas inquestionáveis” disso ou daquilo em seu argumento sobre as mulheres. Mesmo que fosse possível afirmar o valor de qualquer talento nesse momento, esses valores irão mudar; daqui a um século, é muito provável que tenham mudado completamente. Além do mais, pensei eu, chegando à minha porta, daqui a cem anos as mulheres terão deixado de ser o sexo protegido. Logicamente, elas tomarão parte em todos os esforços e atividades que já lhe foram negados. A babá carregará carvão. A vendedora da loja será maquinista de trem. Todas as conclusões



de um lado para o outro sem causar nenhum choque na opinião pública. O casamento não era uma questão de afeição pessoal, mas de cobiça familiar, principalmente nas classes mais altas, dos ‘cavalheiros’ [...]. O noivado muitas vezes ocorria quando uma ou ambas as partes estava no berço e o casamento, quando mal haviam deixado a infância.” Isso foi em cerca de 1470, logo depois da época de Chaucer.<sup>34</sup> A referência seguinte em relação à posição das mulheres é de cerca de duzentos anos depois, na época dos Stuart.<sup>35</sup> “Ainda era uma exceção quando as mulheres das classes média e alta escolhiam seus maridos e, depois que ele era designado, tornava-se o senhor da esposa, ao menos de acordo com a lei e os costumes. Mas, mesmo assim”, conclui o professor Trevelyan, “nem as mulheres de Shakespeare nem as de memórias autênticas do século XVII, como as dos Verney e dos Hutchinson,<sup>36</sup> parecem carecer de personalidade e caráter.” Certamente, se pararmos para pensar, Cleópatra devia ter um certo charme; Lady Macbeth, pode-se supor, tinha vontade própria; Rosalinda, é possível concluir, era uma moça atraente. O professor Trevelyan está apenas dizendo a verdade quando afirma que as mulheres de Shakespeare não parecem carecer de personalidade e caráter. Não sendo um historiador, eu posso ir mais longe e dizer que as mulheres brilharam como faróis em todas as obras de todos os poetas desde o começo dos tempos – Clitemnestra, Antígona, Cleópatra, Lady Macbeth, Fedra, Créssida, Rosalinda, Desdêmona, a Duquesa de Malfi, para os dramaturgos; e, para os escritores em prosa: Millamant, Clarissa, Becky Sharp, Ana Karênina, Emma Bovary, Madame de Guermantes – os nomes surgem na mente aos borbotões, e não nos fazem lembrar de mulheres que “carecem de personalidade e caráter.” Na verdade, se a mulher só existisse na ficção escrita pelos homens, ela teria a imagem de uma pessoa da maior importância; muito variada; heroica e mesquinha; esplêndida e sórdida; infinitamente bela e horrenda ao extremo; tão ilustre quanto os homens; alguns dizem que até mais.<sup>37</sup> Mas essa é a mulher na ficção. Na realidade, como o professor Trevelyan menciona, ela era trancafiada, espancada e atirada de um lado para o outro.

Assim, surge um ser muito estranho e heterogêneo. Na imaginação, ela é da maior importância; na prática, completamente insignificante. Ela está



muito menos de ler Horácio e Virgílio. Pegava um livro de vez em quando, um do irmão, talvez, e lia algumas páginas. Mas então seus pais chegavam e mandavam-na cerzir as meias ou mexer o cozido, e não perder tempo com livros e papéis. Eles diziam isso de maneira ríspida, porém bondosa, pois eram pessoas corretas que conheciam as condições da vida para uma mulher e amavam a filha – na verdade, é provável que ela fosse a menina dos olhos do pai. Judith talvez tenha escrito algumas páginas no sótão às escondidas, mas teve o cuidado de ocultá-las ou queimá-las. Logo, no entanto – quando ainda era adolescente –, foi prometida para o filho do mercador de lã da vizinhança. Ela gritou que considerava o casamento algo odioso e, por isso, foi severamente espancada pelo pai. Então, ele parou de ralhar com ela. Em vez disso, implorou-lhe que não o magoasse, não o envergonhasse naquela questão do casamento. Disse que lhe daria um colar de contas ou uma bela anágua; e havia lágrimas em seus olhos. Como ela podia desobedecê-lo? Como podia partir seu coração? Apenas a força de seu talento a levou a fazê-lo. Ela preparou uma pequena trouxa com os seus pertences, desceu por uma corda numa noite de verão e pegou a estrada para Londres. Ainda não completara dezessete anos. Os pássaros que cantavam nas sebes não eram mais musicais do que ela. Judith tinha a imaginação mais vívida e um talento como o do irmão para a melodia das palavras. Como ele, ela gostava do teatro. Postou-se na porta do estabelecimento; queria ser atriz, disse. Os homens riram na sua cara. O gerente – um homem gordo de beijos grandes – gargalhou. Ele gritou algo sobre poodles dançando e mulheres atuando – nenhuma mulher, disse, jamais poderia ser atriz. Ele insinuou – vocês podem imaginar o quê. Ela não podia estudar sua arte. Será que poderia ao menos jantar numa taverna ou vagar pelas ruas à meia-noite? E, no entanto, seu talento era para a ficção, e ela ansiava por se alimentar abundantemente das vidas dos homens e mulheres e do estudo de seus hábitos. Afinal – pois Judith era muito jovem, com um rosto estranhamente parecido com o de Shakespeare, o poeta, com os mesmos olhos cinzentos e sobrancelhas arqueadas – Nick Greene, o ator que era gerente da companhia, apiedou-se dela; ela se viu grávida desse senhor e então – quem haverá de medir o ardor e a violência do coração do



ganhar dinheiro; a saúde irá faltar. Além disso, para acentuar todas essas dificuldades e torná-las mais difíceis de suportar, há a notória indiferença do mundo. O mundo não pede às pessoas que escrevam poemas, romances e livros de história; ele não precisa deles. Ele não liga se Flaubert irá encontrar a palavra certa ou se Carlyle irá verificar escrupulosamente este ou aquele fato. Naturalmente, ele não irá pagar por aquilo que não quer. E assim o escritor – Keats, Flaubert, Carlyle –, passa, principalmente nos anos criativos da juventude, por toda sorte de distrações e desencorajamentos. Uma imprecação, um grito de agonia se levanta daqueles livros de análise e confissão. “Grandes poetas mortos em sua tristeza”<sup>45</sup> – esse é o fardo de sua canção. Se qualquer coisa surge apesar de tudo isso, é um milagre, e provavelmente nenhum livro nasce tão inteiro e perfeito quanto foi concebido.

Mas para as mulheres, pensei eu, olhando para as prateleiras vazias, essas dificuldades eram infinitamente mais grandiosas. Em primeiro lugar, ter um quarto só seu, quanto mais um quarto silencioso ou à prova de som, estava fora de questão, a não ser que seus pais fossem excepcionalmente ricos ou muito nobres, até mesmo no começo do século XIX. Já que sua mesada, que dependia da boa vontade de seu pai, só bastava para comprar roupas, ela era privada dos alívios que puderam ser desfrutados até por Keats, Tennyson ou Carlyle, todos homens pobres: de um passeio a pé, de uma breve viagem até a França, da moradia separada que, por mais miserável que fosse, ao menos os protegia das exigências e tiranias de suas famílias. Tais dificuldades materiais eram imensas; mas muito piores eram as imateriais. A indiferença do mundo que Keats, Flaubert e outros homens geniais acharam tão difícil de suportar era, no caso dela, não indiferença, mas hostilidade. O mundo não dizia para ela, como dizia para eles “Escreva se quiser; não faz diferença para mim.” O mundo dizia, com uma gargalhada de escárnio, “Escrever? De que adianta você escrever?” Aqui, as psicólogas de Newnham e Girton talvez possam nos ajudar, pensei eu, olhando de novo para os espaços vazios nas prateleiras. Pois certamente já está na hora de alguém medir o efeito do desencorajamento na mente do artista, como eu já vi uma empresa de laticínios medir o efeito do leite comum e do leite tipo A



propício ao trabalho criativo, pois a mente de um artista, para ser capaz de realizar o prodigioso esforço de libertar, inteira e perfeita, a obra que há dentro dele, deve ser incandescente, como a mente de Shakespeare, conjecturei, olhando o livro que estava aberto em *Antônio e Cleópatra*. Não pode haver nenhum obstáculo nela, nenhuma matéria estranha não consumida.

Pois, embora nós digamos que não sabemos nada sobre o estado de espírito de Shakespeare, mesmo enquanto dizemos isso, estamos dizendo algo sobre o estado de espírito de Shakespeare. Talvez o motivo de sabermos tão pouco sobre Shakespeare – em comparação com Donne, Ben Jonson ou Milton – é que seus rancores, invejas e antipatias estão escondidos de nós. Nós não somos impedidos de avançar por alguma “revelação” que nos faz lembrar do escritor. Todo o desejo de protestar, de pregar, de proclamar uma injúria, de revidar uma ofensa, de fazer do mundo testemunha de alguma provação ou queixa foi projetado para fora dele e desapareceu. Assim, sua poesia flui livre e desimpedida. Se algum dia um ser humano expressou sua obra completamente, foi Shakespeare. Se algum dia uma mente foi incandescente, desimpedida, pensei eu, voltando-me de novo para a estante, foi a mente de Shakespeare.

---

32 Elizabeth I reinou na Inglaterra entre 1558 e 1603.

33 *History of England* [História da Inglaterra], publicado em 1926 por G. M. Trevelyan.

34 Geoffrey Chaucer (1342/3–1400), escritor inglês da Idade Média mais conhecido por *Os contos da Cantuária*.

35 Dinastia que reinou na Inglaterra de 1603 a 1714.

36 Trevelyan se refere às *Memoirs of the Verney Family during the Seventeenth Century* [Memórias da família Verney durante o século XVII], organizadas por Frances Parthenope e publicadas entre 1892 e 1899, e às *Memoirs of the Life of Colonel Hutchinson* [Memórias da vida do Coronel Hutchinson], de Lucy Hutchinson, publicadas em 1810.

37 “Continua a ser um fato estranho e quase inexplicável que em Atenas, onde as mulheres eram mantidas numa exclusão quase oriental como odaliscas ou lacaias, o palco tenha produzido figuras como Clitemnestra e Cassandra, Atossa e Antígona,



Eles são, com razão, elogiados pelo sr. Murray; e o sr. Pope, acredita-se, lembrou-se e se apropriou destes outros:

Agora o junquilha vence o cérebro frágil;  
Nós desmaiamos sob a dor aromática.<sup>58</sup>

É uma grande pena que a mulher que sabia escrever assim, cuja mente estava afinada com a natureza e a reflexão, tenha sido forçada a sentir raiva e amargura. Mas como ela poderia evitar? Eu me perguntei, imaginando o desdém e os risos, a adulação dos bajuladores, o ceticismo do poeta profissional. Ela deve ter se trancado num quarto de uma casa de campo para escrever e, talvez, ter sido estraçalhada pela amargura e pelos escrúpulos, embora seu marido tenha sido dos mais bondosos e sua vida de casada fosse perfeita. Ela “deve ter”, digo eu, porque quando se procura saber fatos sobre lady Winchilsea, descobre-se, como de costume, que quase nada é conhecido. Ela sofria terrivelmente de melancolia, o que nós podemos entender ao menos em parte quando a ouvimos contando como, ao ser dominada pelo sentimento, imaginava:

Meus versos aviltados e minha ocupação julgada  
Uma tolice vã ou um erro presunçoso.<sup>59</sup>

A ocupação censurada dessa maneira era, até onde é possível saber, a inofensiva atividade de passear pelos campos e sonhar:

Minha mão se deleita em traçar o invulgar,  
E se desvia do caminho conhecido  
E nem deseja em sedas pálidas pintar  
Esmorecida, a rosa inimitável.<sup>60</sup>

Naturalmente, se esse era o seu hábito e o seu deleite, lady Winchilsea só podia esperar que rissem dela; e, por conseguinte, dizem que Pope ou Gay a descreveu satiricamente como “uma sabichona com perfumes literários.”<sup>61</sup> Além disso, contam que ela ofendeu Gay, rindo dele. Disse que seu poema



discussão, e poderá dar um livro interessante se alguma aluna de Girton ou Newnham desejar abordar a questão. Lady Dudley, coberta de diamantes em meio às moscas de um urzal escocês, pode servir de frontispício. Lorde Dudley, disse o *Times* quando lady Dudley morreu no outro dia, “era um homem de gostos refinados e muitas realizações, benevolente e generoso, porém curiosamente despótico. Ele insistia que a esposa usasse um vestido de gala mesmo na mais remota cabana de caça das Terras Altas; ele a cobria de joias magníficas,” e por aí vai. “[...] dava-lhe tudo – exceto qualquer tipo de responsabilidade.” Então, lorde Dudley teve um derrame e lady Dudley cuidou dele e administrou suas propriedades com competência suprema até o fim da vida. E esse despotismo curioso aconteceu no século XIX.<sup>68</sup>

Mas, voltando. Aphra Behn provou que era possível ganhar dinheiro escrevendo, mediante, talvez, o sacrifício de certas qualidades agradáveis; e então, aos poucos, escrever passou a ser não apenas um sinal de loucura e de uma mente perturbada, mas a ter importância prática. Um marido podia morrer, ou algum desastre se abater sobre a família. Conforme o século XVIII avançava, centenas de mulheres começaram a aumentar sua renda ou a salvar suas famílias fazendo traduções ou escrevendo os inúmeros romances ruins que deixaram de ter seus títulos registrados até mesmo nos livros de escola, mas que podem ser comprados por quatro centavos nos sebos da Charing Cross Road. A extrema atividade mental que as mulheres demonstraram no final do século XVIII – as conversas, as reuniões, a escrita de ensaios sobre Shakespeare, a tradução de clássicos – foi fundada no fato sólido de que elas podiam ganhar dinheiro escrevendo. O dinheiro dá dignidade àquilo que é frívolo quando não é pago. É provável que ainda se desdenhasse de “sabichonas com perfumes literários”, mas não se podia negar que elas colocavam dinheiro na bolsa. Assim, no final do século XVIII, ocorreu uma mudança que, se eu estivesse reescrevendo a história, descreveria de maneira mais completa e consideraria de maior importância do que as Cruzadas ou as Guerras das Rosas.

A mulher de classe média começou a escrever. Pois, se *Orgulho e preconceito* importa e *Middlemarch*, *Villette* e *O morro dos ventos uivantes* importam, então é muito mais relevante do que conseguirei provar ao longo



de pessoas, e que ali estava fora do meu alcance. Eu valorizava o que havia de bom na sra. Fairfax e na querida Adèle, mas acreditava na existência de outros tipos de bondade, mais vivazes, e era isso que ansiava por conhecer.

“Quem poderá me culpar? Muitos, não duvido, que me classificarão de inquieta. Mas eu não podia evitar. A inquietação era parte da minha natureza. Às vezes, aquilo me agitava por dentro, a ponto de doer [...]

“É inútil dizer que os seres humanos deveriam satisfazer-se com uma vida tranquila. Eles precisam de ação. E se não a encontrarem, irão fazê-la acontecer. Milhões estão condenados a um destino ainda mais inerte do que era o meu, e milhões sentem uma revolta silenciosa contra esse destino. Ninguém sabe quantas rebeliões [...] fermentam no peito das pessoas. Espera-se das mulheres que sejam calmas. Mas elas são como os homens. Precisam exercitar suas faculdades, necessitam de um campo para expandir seus esforços, assim como seus irmãos. Sofrem com as rígidas restrições, a estagnação absoluta, tanto quanto os homens sofreriam. E é tacanho por parte desses seres mais privilegiados dizer que elas devem se limitar a fazer pudins e a tecer meias, a tocar piano e a bordar bolsas. É insensato condená-las, ou rir delas, quando buscam fazer ou aprender coisas novas, além do que os costumes determinam que é o ideal para o seu sexo.

“Nesses meus momentos de solidão, às vezes eu ouvia a risada de Grace Poole [...]”<sup>73</sup>

Essa é uma interrupção inábil, pensei eu. É desconcertante chegar a Grace Poole tão de repente. A continuidade é perturbada. Talvez seja possível dizer, prossegui, colocando o livro ao lado de *Orgulho e preconceito*, que a mulher que escreveu essas páginas tinha mais genialidade do que Jane Austen; mas se alguém as lê e repara nessa guinada, nessa indignação, vê que ela jamais expressará essa genialidade de maneira inteira e perfeita. Seus livros serão deturpados e deformados. Ela escreverá com fúria quando deveria escrever com tranquilidade. Escreverá de maneira tola quando deveria escrever de maneira sábia. Escreverá sobre si mesma quando



romancista, eu me perguntei, olhando para *Jane Eyre* e para os outros. Será que o fato de seu sexo interferiria de alguma maneira com a integridade de uma romancista mulher – essa integridade que eu considero a espinha dorsal do escritor? Nos trechos de *Jane Eyre* que citei, está claro que a raiva estava perturbando a integridade de Charlotte Brontë, a romancista. Ela deixou a história, a quem devia toda a sua dedicação, para cuidar de uma queixa pessoal. Lembrou-se que não havia recebido o quinhão de experiência que era seu por direito – fora obrigada a ficar estagnada cerzindo meias numa casa paroquial quando queria vagar livremente pelo mundo. Sua imaginação deu uma guinada para a indignação, e nós percebemos isso. Mas havia muitas outras influências além da raiva puxando sua imaginação e desviando-a do seu caminho. A ignorância, por exemplo. O retrato de Rochester<sup>77</sup> é feito no escuro. Nós sentimos a influência do medo sobre ele. Assim como constantemente sentimos uma acidez que é resultado da opressão, um sofrimento enterrado ardendo sob a paixão dela, um rancor que faz com que esses livros, por mais esplêndidos que sejam, se contraíam com um espasmo de dor.

E como o romance tem essa correspondência com a vida real, seus valores são, até certo ponto, os valores da vida real. Mas é óbvio que os valores das mulheres com muita frequência são diferentes dos valores construídos pelo outro sexo; é natural que seja assim. No entanto, são os valores masculinos que prevalecem. Grosso modo, o futebol e os outros esportes são “importantes”; e a idolatria pela moda, o ato de comprar roupas, são “triviais”. E esses valores são inevitavelmente transferidos da vida para a ficção. Esse é um livro importante, presume o crítico, porque ele fala de guerra. Esse é um livro insignificante porque lida com os sentimentos das mulheres numa sala de estar. Uma cena num campo de batalha é mais importante do que uma cena numa loja – em todos os lugares e de maneira muito mais sutil, a diferença de valor persiste. Portanto, toda a estrutura do romance do início do século XIX foi erguida, quando se era mulher, por uma mente que fora levemente desviada da linha reta e obrigada a alterar sua visão clara em deferência à autoridade externa. Basta folhearmos aqueles velhos romances esquecidos e ouvir o tom de voz no



Mas essas são perguntas difíceis que se encontram no crepúsculo do futuro. Preciso deixá-las, ainda que seja apenas porque me estimulam a vagar por florestas sem trilhas onde me perderei e, muito provavelmente, serei devorada por animais selvagens. Não quero abordar, e tenho certeza de que vocês também não querem que eu aborde esse assunto melancólico que é o futuro da ficção; assim, só pararei aqui um instante para chamar sua atenção para o papel importante que deverão ter nesse futuro as condições físicas, no que diz respeito às mulheres. O livro precisa, de alguma maneira, ser adaptado ao corpo, e eu me arriscaria a dizer que os livros das mulheres deveriam ser mais curtos, mais concentrados, do que os livros dos homens, e com uma estrutura que não necessite de longas horas de trabalho constante e sem interrupções. Pois sempre haverá interrupções. Os nervos que alimentam o cérebro parecem ser diferentes nos homens e nas mulheres e, se vamos fazer com que trabalhem o máximo e o melhor possível, devemos descobrir que tratamento é adequado para eles – se essas horas de palestras, por exemplo, que os monges inventaram, presumivelmente, centenas de anos atrás, são adequadas para eles –, que alternações entre trabalho e descanso eles precisam, interpretando o descanso não como não fazer nada, mas como fazer algo, porém algo diferente; e qual deve ser a diferença? Tudo isso deve ser discutido e descoberto; tudo isso faz parte da questão “as mulheres e a ficção”. E, no entanto, continuei eu, voltando a me aproximar da estante, onde encontrarei aquele estudo profundo da psicologia das mulheres feito por uma mulher? Se, devido à sua incapacidade para jogar futebol, as mulheres não terão permissão para praticar medicina...

Felizmente, nesse ponto meus pensamentos tomaram outro rumo.

---

53 Anne Finch, condessa de Winchilsea (1661-1720), poeta inglesa.

54 Trecho do poema “The Introduction” [A introdução], publicado em 1713. No original: “How we are fallen! fallen by mistaken rules, / And Education’s more than Nature’s fools; / Debarred from all improvements of the mind, / And to be dull,



características e restrições. Assim, com um suspiro, pois os romances tantas vezes são um analgésico, e não um antídoto, nos fazendo deslizar para um sono profundo em vez de nos acordar como um ferro em brasa, eu me acomodei com um caderno e um lápis para extrair o que pudesse do primeiro romance de Mary Carmichael, *A aventura da vida*.

Para começar, passei os olhos para cima e para baixo na página. Vou ter uma ideia de como são as frases dela primeiro, disse eu, antes de entupir minha memória com olhos azuis e olhos castanhos e com o relacionamento que talvez exista entre Chloe e Roger. Haverá tempo para isso depois de eu decidir se o que ela tem nas mãos é uma pena ou uma picareta. Assim, experimentei uma ou duas frases. Logo, tornou-se óbvio que algo estava fora da ordem. O deslizar macio de frase após frase foi interrompido. Algo se rasgou, algo se arranhou; só uma palavra aqui e ali acendia sua tocha diante dos meus olhos. Ela estava “se desatando”, como dizem nas peças antigas. É como uma pessoa riscando um fósforo que se recusa a acender, pensei. Mas por que, eu perguntei-lhe como se ela estivesse ali, as frases de Jane Austen não têm o formato certo para você? Será que elas precisam ser todas apagadas só porque Emma e o sr. Woodhouse<sup>83</sup> estão mortos? Que pena, suspirei, que tenha de ser assim. Pois, se Jane Austen vai de melodia a melodia como Mozart de canção a canção, ler esse livro era como estar em alto-mar num barco aberto. Eu ia para cima e logo afundava. Essa concisão, essa falta de fôlego, talvez signifique que ela estava com medo de alguma coisa; medo de ser chamada de “sentimental”, talvez; ou, talvez se lembre de que a escrita feminina já foi descrita como floreada e, por isso, forneça uma quantidade excessiva de espinhos; mas, até que eu leia uma cena com algum cuidado, não posso ter certeza se está sendo ela mesma ou outra pessoa. De qualquer maneira, ela não diminui minha vitalidade, pensei, lendo com mais atenção. Mas amontoa fatos demais. Não vai conseguir usar nem metade deles num livro desse tamanho (ele era mais ou menos a metade do tamanho de *Jane Eyre*). No entanto, de algum modo, teve sucesso em colocar todos nós – Roger, Chloe, Olivia, Tony e o sr. Bigham – numa canoa subindo o rio. Espere um instante, disse eu, me recostando na cadeira, preciso pensar na coisa toda com mais cuidado antes de seguir em frente.



Grã-Bretanha no Canadá; e recebeu um determinado número de diplomas, cargos, medalhas e outras distinções através dos quais seus méritos estão estampados nele de maneira indelével. Apenas a Divina Providência pode saber mais do que isso sobre sir Hawley Butts.

Quando, portanto, eu digo “bem desenvolvidos” e “infinitamente intrincado” para descrever traços das mulheres, sou incapaz de confirmar minhas palavras no *Whitaker*,<sup>87</sup> no *Debrett* ou no Calendário da Universidade. O que posso fazer nesse dilema? E voltei a olhar para a estante. Lá havia biografias: de Johnson, Goethe, Carlyle, Sterne, Cowper, Shelley, Voltaire, Browning e muitos outros. E eu comecei a pensar em todos esses grandes homens que, por um motivo ou por outro, admiraram, buscaram, viveram com, trocaram confidências com, cortejaram, escreveram sobre, confiaram em e demonstraram o que só pode ser descrito como uma certa necessidade de e dependência de determinadas pessoas do sexo oposto. Não posso afirmar que todos esses relacionamentos tenham sido absolutamente platônicos, e sir William Joynson Hicks<sup>88</sup> provavelmente diria que não. Mas estaríamos cometendo uma grande injustiça contra esses homens ilustres se insistíssemos em dizer que não tiraram nada dessas alianças a não ser conforto, bajulação e os prazeres do corpo. O que tiraram, obviamente, foi algo que seu próprio sexo não foi capaz de suprir; e talvez não seja precipitado defini-lo ainda melhor, sem citar as palavras sem dúvida extasiadas dos poetas, e dizer que era algum estímulo; alguma renovação do poder criativo que só o sexo oposto tem a dádiva de oferecer. Ele abria a porta da sala de estar ou do quarto das crianças, pensei eu, e a encontrava entre os pequenos, talvez, ou com uma peça de renda sobre o joelho – de qualquer forma, como o centro de uma ordem ou sistema de vida diferente – e o contraste entre esse mundo e o seu próprio, que talvez fossem os tribunais ou a Câmara dos Comuns, imediatamente o revigorava e lhe dava frescor; e surgiria, mesmo na tarefa mais simples, uma diferença tão natural de opiniões, que as ideias ressecadas dele seriam fertilizadas e renovadas; e vê-la criando algo num meio diferente do seu despertaria de tal maneira seu poder criativo que, inconscientemente, sua mente estéril começaria a planejar de novo, e ele



uma mulher. Mas o efeito foi, de certa forma, frustrante; eu não conseguia ver a onda se erguendo, a crise dobrando a esquina. Portanto, também não podia me vangloriar da profundidade dos meus sentimentos e do meu conhecimento do coração humano. Pois, quando estava prestes a sentir as coisas de sempre nos lugares de sempre, sobre o amor, sobre a morte, aquela criatura irritante me arrancava dali, como se a questão importante estivesse só um pouco mais adiante. E, assim, fez com que fosse impossível eu exibir expressões sonoras sobre “sentimentos fundamentais,” “a essência comum da humanidade,” e todas as outras que nos ajudam a acreditar que, por mais espertos que sejamos na superfície, no fundo, somos muito sérios, muito profundos e muito benevolentes. Ao contrário, ela me fez sentir que, em vez de ser séria, profunda e benevolente, eu talvez fosse – e essa ideia era bem menos sedutora – apenas preguiçosa intelectualmente e, ainda por cima, convencional.

Mas eu continuei a ler e percebi algumas outras coisas. Mary Carmichael não era nenhum “gênio,” isso estava claro. Não tinha o amor pela natureza, a imaginação ardente, a poesia selvagem, o humor brilhante, a sabedoria contemplativa de suas grandes predecessoras, lady Winchilsea, Charlotte Brontë, Emily Brontë, Jane Austen e George Eliot; não sabia escrever com a melodia e a dignidade de Dorothy Osborne – na verdade, era apenas uma menina inteligente cujos livros sem dúvida serão transformados em polpa pelos editores daqui a dez anos. Mas, mesmo assim, ela teve certas vantagens que mulheres de muito mais talento não tiveram apenas meio século atrás. Os homens, para ela, não eram mais “a facção oposta;” ela não precisava perder nenhum tempo praguejando contra eles; não precisava subir no telhado e arruinar sua paz de espírito ansiando pelas viagens, pelas experiências e pelo conhecimento do mundo e de uma variedade de pessoas que lhe foram negados. O medo e o ódio quase haviam desaparecido, ou seus vestígios surgiam apenas num leve exagero do amor pela liberdade e numa tendência ao cáustico e ao satírico, em vez do romântico, em sua maneira de falar do sexo oposto. Além disso, não havia dúvidas de que, como romancista, Mary Carmichael tinha grandes vantagens naturais. Tinha uma sensibilidade muito vasta, franca e livre. Uma sensibilidade que



livre, que nunca foi tolhida ou contrariada, mas teve independência total, desde o nascimento, para se alongar na direção que desejasse. Tudo isso era admirável. Mas, após um capítulo ou dois, uma sombra pareceu-me ter se espalhado sobre a página. Era uma barra reta e escura, uma sombra com o formato parecido com o da letra I.<sup>93</sup> Eu comecei a desviar para um lado e para o outro para vislumbrar a paisagem atrás dela. Não sabia se era uma árvore ou uma mulher caminhando. Mas minha atenção sempre voltava para a letra I. Comecei a ficar cansada dela. Não que esse I não fosse muito distinto; honesto e lógico; duro como uma pedra e bem polido por bons professores e uma boa alimentação. Eu respeito e admiro esse I do fundo do meu coração. Mas – nesse momento virei uma ou duas páginas, procurando alguma coisa – o pior é que à sombra da letra I, tudo ficou disforme como a névoa. Aquilo é uma árvore? Não, é uma mulher. Mas... ela não tinha nem um osso no corpo, pensei eu, observando Phoebe, pois esse era o nome dela, atravessando a praia. Então Alan se levantou e a sombra de Alan imediatamente obscureceu Phoebe. Pois Alan tinha opiniões e Phoebe ficou perdida em meio à enxurrada de suas opiniões. E Alan, pensei eu, tinha paixões; e então, virei página atrás de página bem depressa, sentindo que o clímax estava se aproximando; e estava mesmo. Ele ocorreu na praia, sob o sol. Foi feito de maneira muito franca. Muito vigorosa. Nada poderia ter sido mais indecente. Mas... eu havia dito “mas” vezes demais. É impossível dizer “mas” sem parar. É preciso terminar a frase de alguma forma, disse eu, ralhando comigo mesma. Preciso terminar dizendo: “Mas... eu estou entediada!” Mas por que estava entediada? Em parte por causa da predominância da letra I e da aridez que ela, como a bétula gigante, faz surgir em sua sombra. Nada cresce ali. E, em parte, devido a alguma razão mais obscura. Parecia haver algum obstáculo, algum impedimento na mente do sr. A que bloqueava a fonte de energia criativa e a cerceava num espaço pequeno. E quando eu me lembrei, num só jato, do almoço em Oxbridge, da cinza do cigarro, do gato manx e de Tennyson e Christina Rossetti, pareceu-me possível que o impedimento estivesse ali. Como ele não murmura mais “caiu uma lágrima esplêndida da flor de maracujá no portão” quando Phoebe atravessa a praia e ela não responde mais “meu coração é como um



ficção”, é que é fatal para qualquer pessoa que escreve pensar em seu sexo. É fatal ser homem ou mulher, pura e simplesmente; é preciso ser feminino-masculino ou masculino-feminino. É fatal para uma mulher dar a menor ênfase a qualquer lamento; defender qualquer causa, por mais justa que seja; e, ao falar, demonstrar de qualquer forma a consciência de ser mulher. É fatal não é maneira de dizer, porque qualquer coisa escrita com esse preconceito consciente está fadada à morte. Ela deixa de ser fértil. Por mais brilhante e eficaz, poderosa e magistral que possa parecer por um ou dois dias, murchará ao cair da noite; não crescerá nas mentes dos outros. Alguma colaboração tem de ocorrer na mente entre a mulher e o homem antes que a arte da criação seja realizada. Algum casamento de opostos tem de ser consumado. A mente inteira tem de se abrir se nós formos ter a sensação de que o escritor está comunicando sua experiência de maneira completa. É preciso haver liberdade e é preciso haver paz. Nenhuma engrenagem pode ranger, nenhuma luz pode piscar. As cortinas precisam estar bem fechadas. O escritor, pensei eu, quando a experiência acabar, precisa se recostar e deixar que sua mente celebre essa união na escuridão. Ele não pode olhar ou questionar o que está sendo feito. Ao contrário, deve arrancar as pétalas de uma rosa ou observar os cisnes deslizarem calmamente rio abaixo. E eu voltei a ver a correnteza que levou o barco, o estudante e as folhas mortas; e pensei, vendo-os se encontrar do outro lado da rua: o táxi levou o homem e a mulher; e a correnteza os carregou, pensei, ouvindo ao longe o rugido do tráfego de Londres, para dentro daquele rio tremendo.

Aqui, então, Mary Beaton para de falar. Ela lhes contou como chegou à conclusão – à prosaica conclusão – de que é necessário ter quinhentas libras por ano e um quarto com uma tranca na porta se você quiser escrever ficção ou poesia. Ela tentou por a nu os pensamentos e impressões que a levaram a pensar isso. Pediu que vocês viessem com ela enquanto voava para os braços de um bedel, almoçava aqui, jantava acolá, fazia desenhos no Museu Britânico, tirava livros da estante, olhava pela janela. Enquanto Mary Beaton fazia todas essas coisas, vocês, sem dúvida, estavam observando seus defeitos e falhas e decidindo que efeito eles causaram nas opiniões